

# ***Padre Belchior de Pontes no universo folhetinesco dos jornais campineiros da década de 1870\****

*Padre Belchior de Pontes on the universe of newspapers serials of Campinas during the 1870 decade*

**Célia Regina da Silveira<sup>1</sup>**

## RESUMO



A associação proeminente que se estabeleceu entre Júlio Ribeiro e *A Carne* (1888), em parte em razão do cenário conturbado de sua publicação, acabou por obscurecer seu romance anterior – *Padre Belchior de Pontes* – publicado no rodapé do jornal *Gazeta de Campinas*, entre 1876 e 1877. Esse romance mobilizou a imprensa paulista e foi assunto do *Diário de Campinas* e *d'A Província de São Paulo*, tanto sob a forma de resenhas e comentários, quanto sob a forma de anúncios. Os jornais, portanto, foram fontes valiosas para inserir essa produção literária de Júlio Ribeiro no horizonte de expectativa de sua época, permitindo, assim, uma análise diacrônica e, também, sincrônica. Neste artigo, buscou-se recompor essa experiência literária no momento próprio de sua aparição.

*Palavras-chave: Padre Belchior de Pontes; Júlio Ribeiro; Romances-folhetim; Jornais paulistas; Recepção.*

## ABSTRACT



The prominent association established between Júlio Ribeiro and *A Carne* (1888), in part due to the tumultuous scenario of its publication, eventually obscuring his previous novel – *Padre Belchior de Pontes* - published at the foot of *Gazeta de Campinas* newspaper, between 1876 and 1877. This novel mobilized the press of São Paulo and was the subject of newspapers such as *Diário de Campinas* and *Província de*

\* Este texto é resultante de parte da pesquisa desenvolvida no pós-doutorado, entre agosto de 2011 e fevereiro de 2012, no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), mais especificamente na linha de pesquisa Teoria e História Literária, sob a supervisão do Prof. Dr. Jefferson Cano.

<sup>1</sup> Doutora em História pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) – Campus de Assis; Pós-doutora pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp); Professora do Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

São Paulo in the form of reviews and comments, as well as in the form of ads. Newspapers, therefore, were valuable sources to insert the aforementioned book of Júlio Ribeiro on the horizon of expectations of his time, thus allowing a diachronic and synchronous analysis. In this article, we have tried to rebuild these literary experiences within the moment of their appearance.

---

Keyword: *Padre Belchior de Pontes; Júlio Ribeiro; Newspaper serials; Newspapers of São Paulo; Reception.*

## ***Júlio Ribeiro e a imprensa paulista***

*Padre Belchior de Pontes* – romance de Júlio Ribeiro – foi publicado em folhetins pela *Gazeta de Campinas*, entre abril de 1876 e junho de 1877. A despeito de seu autor ter nascido em Sabará (MG), sua trajetória como homem de letras deu-se na província de São Paulo, especialmente nos foros da imprensa e do magistério. Residiu em algumas cidades prósperas da província: Sorocaba, Campinas e São Paulo (SILVEIRA, 2008).

Na época da publicação do citado folhetim, morava e atuava como professor em importantes estabelecimentos de ensino de Campinas, como o *Internacional*, o *Culto à Ciência* e o *Florence*.<sup>2</sup> Na condição de professor e homem dedicado às letras, foi um agente da dinâmica político-cultural da cidade, tecendo sua ligação com figuras expressivas da divulgação do republicanismo e das letras pátrias na província de São Paulo, como Francisco Quirino dos Santos, Francisco Glicério, Abílio Marques, Pedro Franzen, Henrique de Barcelos e Gaspar da Silva, entre outros. Tratava-se de uma inserção cultural não dissociada da política republicana, fosse ou não partidária.

Os nomes com os quais Ribeiro se relacionou em Campinas estavam ligados aos dois principais jornais da cidade: *Gazeta de Campinas* e *Diário de Campinas*. O primeiro, fundado em 1869, foi um empreendimento do bacharel em Direito, poeta e jornalista Francisco Quirino dos Santos, e de seu sogro, Abílio Marques. Em seus primeiros anos, o jornal teve uma periodicidade bissemanal, passando, a partir de 1876, a ser diário. No ano seguinte, passou a ser propriedade de Carlos Ferreira. O *Diário de Campinas* – republicano e abolicionista, porém não partidário – foi fundado por Antonio Sarmiento, Henrique de Barcelos e José Gonçalves Pinheiro, em 1875.<sup>3</sup>

Esses jornais, no que se refere aos assuntos literários, além de publicarem folhetins nas páginas um e dois do rodapé – formato já instituído na imprensa brasileira<sup>4</sup> –, tinham uma

---

<sup>2</sup> Essas informações, foram obtidas por intermédio da leitura de trabalhos que se dedicaram ao estudo do ensino em Campinas no século XIX, tais como: Moraes (1981), Ribeiro (1996).

<sup>3</sup> Esses jornais foram situados com base nas informações contidas no seguinte trabalho: (GALZERANI, 1998, p. 94-153).

<sup>4</sup> O romance-folhetim foi concebido, na década de 1830, pelo francês Émile Girardin, que passa a publicar, no rodapé de *La Presse*, textos ficcionais seriados, com o objetivo de aumentar o número de assinantes do jornal. O casamento entre o jornal e a literatura inauguraria uma nova concepção de lançamento de obras de ficção e seria o grande aliado do jornal

seção específica dedicada às *resenhas* e discussões literárias: a *Artes e Letras*. Na coluna *Varietades*, embora não reservada especificamente a assuntos literários, também compareciam assuntos correlatos. É possível, ainda, saber das publicações literárias por meio da pesquisa das seções *Notticiário*, da *Gazeta*, e *Avisos*, do *Diário* de Campinas. Nas páginas quatro e cinco, reservadas aos anúncios, encontravam-se os chamados “reclames” de livreiros. Ainda que fragmentado, esse material pesquisado compõe um determinado conjunto literário das letras na província de São Paulo.

Por que focar a circulação de narrativas literárias na Província de São Paulo, com base nesses periódicos? Antes de tudo, porque se situavam num núcleo urbano importante do âmbito provincial na segunda metade do século XIX: Campinas. Em outras palavras, constituía uma localidade expressiva da expansão cafeeira conjugada à malha ferroviária da Companhia Paulista, que incluía, em seu roteiro: um porto cosmopolita, Santos; a capital da província, ponto de entroncamento de ferrovias (como a São Paulo Railway e a Ituana); Campinas, a capital agrícola; Itu, sede da convenção Republicana; e a jovem Rio Claro (DEBES, 1968). Ao lado da expansão econômica, a ferrovia, segundo Ana Luiza Martins, ajudava a transportar os “símbolos” da civilização:

Neste roteiro [o da Companhia Paulista] proliferavam teatros, escolas particulares cunhadas na proposta científica ao gosto do ideário da época, escolas noturnas para as camadas desfavorecidas, instituições culturais diversas, imprensa próspera, lojas maçônicas fortes e em todas elas gabinetes de leitura (MARTINS, 1990, p. 160).

Em tal cenário de florescimento econômico e cultural, as ferrovias influenciaram também a distribuição dos jornais, tornando-a diária a partir de 1873 (entre Santos, São Paulo, Jundiaí, Campinas e Itu, por exemplo). Nas localidades aonde os trilhos não tinham chegado, a distribuição ainda era feita a cavalo (SOBRÉ, 1996, p. 240).

Tendo em vista que o propósito deste artigo reside no exame da circulação de romances-folhetins nos e pelos jornais, aventa-se a hipótese de que os periódicos selecionados não se restringiam aos leitores de Campinas, mas estendiam-se a um público mais amplo. Juntamente com São Paulo – capital da província – essa cidade cumpria, assim, o papel de centro irradiador das discussões político-culturais para as outras regiões da província. E os jornais constituíam não apenas os principais veículos de disseminação das ideias por meio dos comentários de livros – fossem estes nacionais ou estrangeiros –; eram também difusores das narrativas literárias e do comércio das obras escritas, por meio dos anúncios de livreiros estampados em suas páginas.

---

pelo século XIX afora. Logo depois de lançado na França, esse modelo de publicação seriada foi adotado no Brasil pelo *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, em 1839, e foi fundamental para a formação de um público leitor, bem como para o surgimento do romance nacional (Cf.: MEYER, 1996, p. 48).

Enfim, os periódicos podem ser vistos como uma espécie de “museu natural” e de “manual histórico em miniatura”, para usar os termos de Flora Süssekind, ao referir-se à imprensa brasileira das primeiras décadas do século XIX:

E, museus de tudo, as folhas recreativas e as “Miscelâneas”, seções de “Variedades”, “Folhetins”, “Apêndices” e “Fatos Diversos” dos periódicos das primeiras décadas do século XIX talvez tenham sido, a seu modo, uma espécie de versão local da *Encyclopédie*. Assim como tentativas conscientes de suprimir falhas na formação e na instrução de seus leitores potenciais (SÜSSEKIND, 1990, p. 78-79).

Não obstante os jornais mencionados situem-se numa periodização distinta dos tratados pela autora, pode-se também considerá-los como uma versão local da *Encyclopédie*. Afinal, apesar da inserção cultural de tais periódicos não ter sido dissociada da política republicana –partidária ou não –, os jornais pretendiam-se veículos de instrução e civilização. Ademais, boa parcela dos homens ligados à *Gazeta de Campinas*, ao *Diário de Campinas* e à *Província de São Paulo* era fruto social da expansão econômica da Província. Portanto, a escolha desses periódicos explica-se não somente pelo fato de haverem sido publicados em áreas provinciais representativas da expansão cultural e econômica local – como acima explicitado –, mas também por terem sido atuantes no processo de sua modernização, em parte influenciando na constituição de uma cultura de leitura na província.

No que se refere aos romances de folhetim, foram uma presença constante na imprensa campineira. Tendo como eixo a publicação de *Padre Belchior de Pontes* na *Gazeta de Campinas*, busca-se aqui recompor o universo de publicação de narrativas literárias no rodapé dos jornais.

## ***Itinerário de Padre Belchior de Pontes na Gazeta de Campinas***

Em 4 de abril de 1876, na seção *Artes e Letras* do jornal *Gazeta de Campinas*, publicou-se um texto de Júlio Ribeiro intitulado *Carta ao redactor da «Gazeta»*, no qual o autor informa que seu romance *Padre Belchior de Pontes* iria ocupar as páginas do referido jornal:

Illmo sr. dr. Francisco Quirino dos Santos

Ahi vae meu *Padre Belchior de Pontes* a percorrer de novo o estádio da imprensa.

Comecei a escrevel-o em Sorocaba, sem plano, sem pretensão de especie alguma, sómente para encher o espaço de um jornaleco infeliz que em hora minguada lembrou-me ahi redigir.

Suas linhas, ora traçadas sobre o marmore do prelo, ora sobre a mesa da composição, foram-se envolvendo, emmaranhando, avultando sem methodo, como os fios de uma meada que tentam dobar mãos ainda inexperientes.

E, todavia, sahi cousa melhor do que eu a principio julgára: tirei em volume a primeira parte (GAZETA DE CAMPINAS, 4 de abr. 1876, n. 716, p. 1).<sup>5</sup>

Para os objetivos do presente trabalho, dois aspectos desse excerto chamam atenção. Primeiro, o fato de o romance não ser de todo uma novidade, pois parte dele (*Prólogo e Os Paulistas*) já havia sido publicada entre 18 de novembro de 1874 e 29 de outubro de 1875, no jornal *Gazeta Commercial*, de Sorocaba, em que o autor iniciou sua trajetória como homem de imprensa. O segundo refere-se à afirmação de que Ribeiro não tinha pretensões literárias. Ao consultar a primeira edição de *Padre Belchior de Pontes*, a despreensão literária sublinhada pelo autor parece não se confirmar. Na apresentação redigida para essa edição, designada *Ao Leitor* e elaborada em 1876 – mesmo ano da carta acima mencionada –, consta que o escritor teria procurado um editor – e não era qualquer editor, mas o prestigiado Louis Baptiste Garnier:<sup>6</sup>

Retirando-me do jornalismo por uma serie de infortunios que não vem a pelo expor aqui, desejei continuar a obra que tanto favor havia merecido: *fiz para esse fim uma proposta ao acreditado editor, sr. Garnier*; ele acceitou-a, com a condição, porém, de nada pagar-me pela propriedade do livro.

Comquanto pauperrimo, eu não mirava a interesses: sujeitei-me, pois, e mandei-lhe, para que começasse a impressão, o que eu já havia publicado. S. S. respondeu-me que definitivamente não daria principio ao trabalho sem que estivesse escrito todo o original.

Sendo contrario ao meu gênio, sendo-me até impossivel vasar de um só jato uma obra de folego, resolvi deixar dormirem em sossego padre Belchior de Pontes e mais os paulistas e “emboabas” dos tempos coloniais, Guardei para a memoria seis exemplares da edição do prólogo, queimeei cento e quarenta e quatro [...].

Parecia estar tudo acabado (RIBEIRO, 1876, p. 5).<sup>7</sup>

Embora limitado a um escritor, esse episódio evidencia as dificuldades de conseguir um editor consagrado no meio cultural, principalmente para os escritores estreantes – caso de

<sup>5</sup> Os jornais que compõem as fontes para o desenvolvimento deste artigo foram pesquisados no Arquivo Edgar Leuenroth – Unicamp. E, optou-se, por manter a grafia e sintaxe original das fontes.

<sup>6</sup> Nas palavras de Nelson Werneck Sodré (1996, p. 238): “Ser editado por ela [a Garnier] era a consagração”. Entre vários autores, a Garnier editou José de Alencar, Machado de Assis, Bernardo Guimarães, Sílvio Romero, Joaquim Nabuco, Graça Aranha e João Ribeiro.

<sup>7</sup> Obra consultada no Arquivo Edgar Leuenroth – Unicamp.

Ribeiro como romancista. Entretanto, essa situação estendia-se também aos não novatos. E levava os escritores, principalmente os novos, a recorrerem aos editores de Portugal, os quais, de acordo com Brito Broca (2005, p. 203), cediam “muitas vezes os manuscritos gratuitamente, só para vê-los publicados”. Segundo o autor, essa prática foi recorrente entre os escritores brasileiros, especialmente os do último decênio do século XIX até a primeira década do século XX. Exceção a esse quadro foram os novatos Graça Aranha e Euclides da Cunha, que publicaram seus primeiros livros por intermédio de editoras consagradas. Para tal, valeram-se, todavia, do capital simbólico que possuíam. O primeiro, conquanto estreante, já havia entrado para a Academia Brasileira de Letras, sob o penhor de um livro em preparo, *Canaã*, que impressionou Joaquim Nabuco e foi publicado pela consagrada Garnier. No caso de Euclides, *Os Sertões* foi lançado por Laemmert & Cia, editora conceituada na época (BROCA, 2005, p. 204).

Ribeiro, sem o aval da Garnier, não recorreu às editoras portuguesas e teve o seu primeiro romance estampado no rodapé da *Gazeta de Campinas*, entre 5 de abril de 1876 e 26 de junho de 1877; portanto, figurou durante mais de um ano nesse jornal. E, como era comum na época, foi publicado pela tipografia do mesmo periódico, em dois tomos: o primeiro em 1876 e o segundo em 1877. O anúncio que principiou a divulgação do primeiro volume saiu nesse jornal em fins de dezembro de 1876 (28/12/1876, p. 4). Portanto, antes de ser concluída a publicação dos capítulos de *Padre Belchior*, estava disponível para o público o primeiro volume do livro, o qual congregou o *Prologo* e a primeira parte, *Os Paulistas* –, já vindas a lume no rodapé da *Gazeta de Campinas*.

Com o objetivo de recompor a materialidade histórica do romance *Padre Belchior de Pontes*, buscou-se, na pesquisa da qual se origina este artigo, seguir, dia a dia, sua publicação na *Gazeta de Campinas*. Tal caminho permitiu visualizar a estrutura do romance no jornal. Demarcou-se, a princípio, neste texto, a sequência das partes do folhetim.

No diário de 5 de abril de 1876, deu-se início, na página dois do jornal, no rodapé – espaço reservado a publicações literárias –, ao primeiro capítulo do *Prologo*, intitulado *Idyllo*. Com pequenas interrupções, em menos de dois meses, Ribeiro publicou oito capítulos, os quais compunham o *Prologo: O Idyllo, Conversação Intima, O Ervanario, Salvo das Aguas, O Capitulo, Revelações, Projetos e Esontai Gar Hoi Duo Eis Sarka Mian*. A primeira parte, denominada *Os Paulistas*, iniciou-se com o capítulo *A hospedagem*, em 19 de maio de 1876, com nove capítulos, sem interrupções. A despeito de já terem sido publicados no referido jornal de Sorocaba, o autor esclarece que passariam por revisões, especialmente quanto ao estilo:

Pretendo copiar *manu propria* toda a obra, e retocal-a nos pontos que a leitura mediata indicou-me defeituosas; expurgal-a-ei também de erros de estylo, de repetições desnecessarias, introduzidas pelo

atropellamento com que foi originalmente escripta (GAZETA DE CAMPINAS, 4 abr. 1876, n. 716, p.1, grifo no original).

Da segunda parte em diante, viria um texto inédito – O sertão. Este passou a figurar no rodapé a partir de 29 de junho de 1876. Se, até então, havia regularidade na publicação dos capítulos, daí em diante se notaram intervalos maiores entre um capítulo e outro. O romance chegou mesmo a “desaparecer” por quase dois meses. Qual teria sido o motivo? Difícil dizer a causa específica. Mas é bastante significativo o fato de que, até o fim da primeira parte do romance, poucas vezes tenha havido intervalos. Ter que compor para publicar diariamente não era uma tarefa fácil, quando se somava às outras atividades dos escritores. Nesse período, conforme já mencionado, Ribeiro era professor em colégios de Campinas. Como explica Marlyse Meyer – em estudo de referência sobre a temática –, não era algo incomum; ao contrário: era habitual a interrupção das narrativas literárias na imprensa, tanto na França, matriz originária do folhetim, quanto no Brasil (MEYER, 1996).

Em 5 de dezembro, a Gazeta de Campinas dava a seguinte notícia: “Continua agora a publicação, por algum tempo interrompida, do Padre Belchior de Pontes, romance de Júlio Ribeiro” (GAZETA DE CAMPINAS, 5 dez. 1876, n. 908, p. 2). Essas linhas foram reproduzidas, no dia seguinte, na seção Noticiário do jornal A Província de São Paulo (6 dez. 1876, n. 557, p. 3). A despeito de ser uma prática dos jornais pesquisados noticiarem quase simultaneamente o que consideravam relevante, é importante destacar que, além de avisar o público sobre a volta do folhetim de Ribeiro, a notícia publicada no jornal paulistano pode ser vista como uma forma de atingir um público mais amplo, pois a literatura publicada no rodapé era um atrativo para a compra do jornal – nas palavras de Marlyse Meyer (1996, p.294), “uma mina de ouro” para os donos de jornais.

Novamente à cena do rodapé, chegaria aos leitores a terceira parte do romance – Os Emboabas. Composto por cinco capítulos, iniciou-se em 6 de dezembro, logo após a notícia da retomada da narrativa no jornal. No final desse mês, mais precisamente em 28 de dezembro, a Gazeta de Campinas anunciou a publicação do primeiro volume do romance Padre Belchior de Pontes. Segue o anúncio, obedecendo à diagramação do jornal:

**PADRE BELCHIOR DE PONTES**  
Romance histórico original  
De  
**JULIO RIBEIRO**

N’esta typographia e na LIVRARIA INTERNACIONAL do sr. Gaspar da Silva vae ser posto á venda o 1º. tomo d’esta obra: é um volume de perto de 250 paginas em oitavo, impresso em excellente papel.

**Preço de cada volume**  
N’esta cidade, .....2\$500

Registrado pelo correio.....2\$900

Todos os pedidos devem ser dirigidos em carta registrada com o valor declarado ao sr. Pedro Franzen, gerente da «Gazeta de Campinas» ou ao sr. Gaspar da Silva na Livraria Internacional, em Campinas (GAZETA DE CAMPINAS, 28 dez. 1876, n. 926, p. 4).

Esse anúncio repetiu-se por vários dias. Em 13 de janeiro de 1877, apareceu nas páginas 3 e 4. Dois “reclames”, portanto, num mesmo dia. Não por acaso; afinal, era publicação da própria tipografia do jornal *Gazeta de Campinas*.

As informações contidas no anúncio reproduzido são valiosas. Como lê-las? Iniciemos pelo título. Ao ser acompanhado da expressão “romance histórico original”, o título *Padre Belchior de Pontes* foi inserido no repertório literário do gênero romance histórico – estrangeiro e nacional –, já conhecido e legitimado na época em que veio à luz o romance de Júlio Ribeiro. Entre os autores estrangeiros, já estavam incorporados na tradição literária brasileira: Walter Scott, Fenimore Cooper, Alexandre Dumas e Alexandre Herculano. Esses nomes foram referências para escritores brasileiros que escreveram romances considerados históricos. Sandra G. T. Vasconcelos, estudiosa da obra de Scott, ao pesquisar a recepção internacional do autor – criador do romance histórico como gênero literário – mostra como se deu a repercussão do escritor escocês em Portugal, além de outros países europeus. A tradução de sua série *Waverly Novels* iniciou-se na década de 1830, tendo deixado marcas na elaboração do romance histórico *Eurico, o Presbítero*, publicado em 1845, na revista *Panorama*. A popularidade de Walter Scott não se restringiu à Europa. Conforme a pesquisa de Vasconcelos, a obra completa em inglês do escritor escocês comparece, já na década de 1820, em anúncios que as poucas livrarias existentes no Rio de Janeiro publicavam no *Jornal do Commercio* e no *Diário do Rio de Janeiro* (VASCONCELOS, 2008a, p. 360-362).<sup>8</sup>

Quanto ao repertório de romances históricos nacionais que antecedeu a publicação de *Padre Belchior de Pontes*, podemos, entre outros, mencionar: *Um Roubo na Pavuna* (1843), de Azambuja Suzano; *Gonzaga ou a Conjuração de Tiradentes* (1848), de Teixeira e Souza (RIBEIRO, 1976, p. 79), e algumas obras de José de Alencar, como *Minas de Prata* (1865) e *A*

---

<sup>8</sup> No rol da amostra de anúncios da obra de Scott veiculados por jornais do Rio de Janeiro – anúncios esses reproduzidos pela autora –, segue um exemplo publicado pelo *Diário do Rio de Janeiro*, em 2 de maio de 1824: “Quem quiser comprar as **Obras Completas de Walter Scott**, em inglês tendo 52 vol.; procure a casa de João Antonio Ferrise rua Direita N. 79, aonde se pode ver” (VASCONCELOS, 2008a, p. 362).



*Guerra dos Mascates* (1874).<sup>9</sup> Em texto autobiográfico, Alencar destaca a importância que as leituras de Walter Scott e Cooper tiveram na concepção de seus romances históricos.<sup>10</sup>

Com essa pequena exposição, objetivou-se fornecer elementos que corroborem para pensar o significado da expressão “romance histórico original” – sobretudo no contexto do anúncio citado – usado por Júlio Ribeiro e/ou pela *Gazeta de Campinas* para a classificação de *Padre Belchior de Pontes*. Tratava-se de um sinal visível e explícito que predispuha o público e o juízo da crítica a uma determinada expectativa, que já integrava as experiências de leitores e críticos com a literatura.<sup>11</sup> Isso denota a popularidade do gênero nos anos 1870.

Um outro aspecto pode ser apreciado por meio do anúncio em questão: a prática do comércio de livros. O “reclame” demarca o “excellente papel” usado na confecção do romance e os lugares onde se podia adquiri-lo: a tipografia da *Gazeta* e a *Livraria Internacional*, de Gaspar da Silva. Fora de Campinas, poderia ser adquirido por encomenda, enviada pelo correio, com acréscimo no valor. Essa era a forma que vigorava em praticamente quase todos os anúncios de livreiros.

Ao acompanhar os anúncios do mencionado romance, notou-se que, além da repetição do texto daquele “reclame”, outro escrito foi criado para divulgar o romance. Na edição de 20 de janeiro, figurou o anúncio habitual na página três do jornal e, na página quatro, uma pequena nota, a qual acrescentava adjetivos: “Este bello romance”, “produção do festejado escriptor sr. Júlio Ribeiro”. Também se informava a ampliação dos locais de venda do romance: “vende-se nas seguintes casas: Roberto Alves & Mendes, rua Direita do Largo do Rosário; Santos, Irmão & Nogueira, e Cerqueira e Amaral ao largo da Matriz Velha” (GAZETA DE CAMPINAS, 20 jan. 1877, n. 943, p. 4). A partir dos dados oferecidos por esses anúncios, pode-se inferir que se investiu consideravelmente na divulgação e na venda do primeiro volume de *Padre Belchior de Pontes*.

Enquanto isso, corria a publicação do romance no rodapé do jornal. Em fevereiro de 1877, iniciou-se *A Guerra*, quarta parte do romance, dividida em 11 capítulos. Passados quatro meses, em julho, teve início *O Martyr*, último capítulo do *Epílogo*. E, depois de mais de um ano, o “FIM”. Como era de praxe anunciar o início da publicação de um folhetim, seu final também era noticiado, quase sempre no dia anterior ao do último capítulo. Isso com o objetivo de criar a expectativa no leitor quanto aos destinos dos personagens, bem como de anunciar sua publicação em volume. Estratégia dos jornais que também era seguida pela

<sup>9</sup> A *Biblioteca Brasileira*, fundada por Quintino Bocaiuva em 1862, publicou vários capítulos de *As Minas de prata*, de José de Alencar, no mesmo ano de sua fundação. O autor concluiu esse romance em 1865 e a obra foi publicada nesse ano pelo editor Garnier. Quanto ao romance *Guerra dos Mascates*, foi um projeto que se desenvolveu entre 1870 e 1874, ano de sua publicação (Cf.: MARCO, 1993, p. 97-98 e 158).

<sup>10</sup> “Devorei os romances marítimos de Walter Scott e Cooper, um após o outro; [...] li nesse decurso muita cousa mais: o que me faltava de Alexandre Dumas e Balzac, o que encontrei de Arlincourt, Frederico Soulié, Eugene Sue e outros. Mas nada valia para mim as grandiosas marinhas de Scott e Cooper e os combates heróicos de Marryat” (ALENCAR, 1955, p. 49, grifos nossos). Sobre a adaptação de Scott por Alencar, ver Vasconcelos (2008b, p. 15-39).

<sup>11</sup> Faz-se, aqui, uma leitura livre do conceito de Estética da Recepção, concebida por Hans Robert Jauss (1994).

*Gazeta de Campinas*. No dia anterior ao fim da publicação de *Padre Belchior de Pontes*, surge na seção *Noticiário*:

**Padre Belchior de Pontes** – Amanhã publicaremos, o ultimo capitulo do excellente romance historico – “*Padre Belchior de Pontes*” do illustrado escriptor sr. Julio Ribeiro.

Assim, pois, brevemente exporemos á venda a obra completa, a qual tem merecido de toda a imprensa os maiores louvores (GAZETA DE CAMPINAS, 25 jun. 1877).

O segundo volume do romance passou a ser anunciado pela *Gazeta* em setembro de 1877. A Livraria Internacional, num anúncio publicado no *Diário de Campinas*, refere-se ao livro em letras garrafais – no alto da página quatro desse jornal – como a “Grande Novidade!!!”:

**GRANDE NOVIDADE!!!**

PADRE BELCHIOR DE PONTES  
Por Julio Ribeiro – 2º. vol. 2&500

LIVRARIA INTERNACIONAL  
DE  
**Gaspar da Silva**

(DIÁRIO DE CAMPINAS, 20 set. 1877, n. 586, p. 4)

Para além da trajetória do romance no jornal, com o objetivo de entender a configuração de sua estrutura, e levando em conta a linearidade de sua publicação, é importante inseri-lo no repertório folhetinesco da imprensa campineira da década de 1870. É o que, a seguir, apresenta-se.

## ***Os romances de folhetim na década de 1870***

Em abril de 1876, quando foi publicado *Padre Belchior de Pontes*, no rodapé da primeira página, publicava-se *A vingança* – romance original de Camilo Castelo Branco, que havia sido iniciado em 31 de dezembro de 1875. Essa sequência repetiu-se em vários números do jornal. Outro nome da literatura portuguesa que publicou na mesma época que Ribeiro foi Guiomar Torresão (*Dama das Violetas*, entre dezembro e janeiro de 1877). Além dos literatos portugueses mencionados, Júlio Ribeiro dividiu o rodapé diário com as traduções de autores consagrados do repertório romântico da literatura francesa, como: Benjamin Gaslineau (*As*

*Duas Famílias*), Alexandre Dumas (*O Custo dos Pombos*), Alfredo de Musset (*Mezzo-Matto*). Importante observar que Ribeiro, entre 1876 e 1877, foi o único autor nacional presente no rodapé do jornal. E sempre na página dois, pois o rodapé da primeira página estava reservado a autores estrangeiros. Talvez, em detrimento daqueles que eram “estreados” no âmbito literário, reservava-se a primeira página a autores consagrados, que atrairiam mais leitores.

No mapeamento dos folhetins que foram publicados na *Gazeta de Campinas*, entre os anos 1870 e 1880, além dos autores acima mencionados, que apareceram concomitantemente a Ribeiro, diversos outros nomes da literatura estrangeira e nacional participaram do rodapé desse jornal. Da produção nacional, além do autor de *Padre Belchior de Pontes*, compareceram também: Bernardo Guimarães (*O Ermitão de Muquem*, em 1870), José de Alencar (*Encarnação*, em 1878); Oliveira Bello (*Os Farrapos*, esboço de um romance brasileiro, em 1878) e Machado de Assis (*Helena*, em 1879). Nota-se que circulava pelas páginas do jornal campineiro uma produção literária brasileira em consonância com as novidades literárias em circulação na Corte.

Acrescentem-se aos nomes dos autores portugueses acima mencionados, os de Ramalho Ortigão e Eça de Queirós, com a publicação do folhetim *Mysterios da Estrada de Cintra* (1871-1872), além do de Maria Amália Vaz de Carvalho (*Cartas de um marido – indiscrições de uma carteira* e *O anel de um diplomata*, publicados em 1878). Quanto aos escritores franceses, além de Alexandre Dumas (pai), a *Gazeta* publicou dois outros autores: Octave Feuillet, com *Memórias de uma mulher* (1878) e *Julia* (1879); e Joseph Méry, com *Um Carnaval em Paris* (1879).

De acordo com esse mapeamento, nota-se que houve um equilíbrio entre as nacionalidades literárias publicadas pela *Gazeta de Campinas*. Igualmente, observou-se a ausência de traduções que não fossem do francês. Destaca-se, também, nessa década, o predomínio da circulação em folhetins de um repertório romântico.

Distintamente de *A Gazeta*, o *Diário de Campinas* (outro jornal pesquisado), publicou, na parte inferior de suas páginas, traduções de autores não franceses. Os espanhóis P. A. Alarcon e Enrique P. Escrich estiveram presentes com as seguintes narrativas: *O Anjo da Guarda* (1878) e *Comicos ambulantes* (1880). Compareceu também o norte-americano Edgar Allan Poe, com *Assassinatos da Rua Morgue*, publicado em 1880. A tradução de Poe ficou a cargo de Júlio Ribeiro, o que evidencia seu domínio da língua inglesa. Na pesquisa do jornal *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, novamente se encontrou o exercício da veia de tradutor por parte de Ribeiro, no ano de sua morte. Uma série de cartas do conde Paulo de Vasili, publicadas no jornal em 1890, também foram por ele traduzidas: “A sociedade de

Londres, pelo conde de Vasili, Tradução de Júlio Ribeiro”. A primeira carta data de 7 de fevereiro desse ano (GAZETA DE NOTÍCIAS, 7 fev. 1890, n. 38, p. 1).<sup>12</sup>

Esperava-se encontrar, no decênio de 1870, o famoso e popular Ponson Du Terrail – autor de *Dramas de Paris* – na *Gazeta de Campinas*. Os seus heróis populares da série *As Proesas do Rocambole*, porém, não compareceram nesse jornal.<sup>13</sup> Para compensar essa ausência em forma de folhetim, o *Diário de Campinas* ofereceu a seu público três narrativas do mencionado autor francês, concentradas num mesmo ano. Em 1876, publicou *O ferreiro da Abbadia*, *Os amores de Aurora* e *A Justiça dos Boêmios*. Terminada a publicação das narrativas de Ponson Du Terrail, a literatura francesa foi representada no rodapé por Emile Richebourg e por A. Mathey. Entre 1877 e 1878, três narrativas de Richebourg foram publicadas: *A Filha Maldicta* (1877), *O Amigo Verdadeiro* (1878) e *Os Dous Berços* (1879). De Mathey, figurou o romance *A vingança de Clodion* (1878), com tradução de Josephina Sarmento.

Como já se observou, ao tratar do folhetim de Júlio Ribeiro na *Gazeta de Campinas*, era uma prática dos jornais dar destaque ao fim das narrativas que vinham sendo publicadas, na intenção de já anunciar a próxima novidade. No caso do *Diário de Campinas*, portanto, não era diferente. A primeira página de uma edição de domingo, na parte superior da primeira coluna, em letra que se diferenciava das empregadas no restante da página, noticia o fim do romance *A Filha Maldicta*, de Richebourg. Sobressai, porém, a ênfase em relação ao novo folhetim:

O NOSSO ROMANCE – Terminamos hoje a «Filha Maldicta» que obteve dos nossos leitores a maior acceitação, começaremos a publicar no proximo numero um novo romance, original de uma sra. campineira que se occulta sob o pseudonymo de – Brasiliana – auctora da «Rosa Mineira» publicada nesta folha.

A nossa distincta collaboradora escreveu agora mais um romance que intitidou – Margarida – é esse que temos o prazer de offerecer aos nossos leitores (DIÁRIO DE CAMPINAS, 20 jan. 1878, n. 685, p. 1).

Assim como na *Gazeta*, no *Diário de Campinas* a produção de brasileiros também teve espaço. Com uma diferença: parece ter privilegiado autores locais. No aviso acima citado, vê-se uma autora campineira, que havia publicado no jornal sob o pseudônimo de “Brasiliana”. *Rosa Mineira* – o citado romance da escritora – veio a público em 1877, intercalando-se com *Os Amores de Aurora*, de Ponson Du Terrail. E *Margarida* – o romance anunciado – foi publicado ao mesmo tempo que *Um Amigo Verdadeiro*, de Émile Richebourg. Nesse último caso, observou-se a primazia da autora local, pois é ela quem comparece na primeira página,

<sup>12</sup> A tradução seguiu nos dias 08/02; 10/02; 11/02; 22/02; 04/03; 23/03; e 28/03.

<sup>13</sup> Sobre esse escritor e o fenômeno que representou para a imprensa francesa, ver Meyer, 1996, p. 103-109.

enquanto o autor francês ocupou a segunda página do rodapé. Outro autor residente em Campinas a ser privilegiado foi José Gonçalves Pinheiro – redator do jornal –, que, usando o pseudônimo de “Leon Gozlan”,<sup>14</sup> iniciou a publicação de *Maridos e Mulheres*, em 8 de dezembro de 1877. O editor do jornal, Antonio Sarmento, também pode ser incluído no rol de autores locais, com duas publicações: *História de um Degredado* (1878) e *Um Homem Alegre* (1879).

Quanto à produção portuguesa, verificou-se que o *Diário* divulgou um nome publicado também pela *Gazeta*: Maria Amália Vaz de Carvalho. Trata-se, porém, de um outro título: *O Governo da Casa* (1878). Nesse mesmo ano, outro português surgia no rodapé do mencionado jornal: Pinheiro Chagas, com *Um Episódio de Torres Vedras*. Em 1879, aparecem dois romances de A. M Cunha Sá, *Canibalismo num Comboio* e *Narrativa Horrorosa*. Anteriormente, em 1875, publicara-se *Arzila*, de Bernardino Pinheiro.

Esse mapeamento da publicação de folhetins nos dois jornais campineiros da década de 1870 foi de suma importância para obter os dados relativos aos romances de folhetim que circulavam em Campinas e no restante da província, pois os jornais não estavam restritos à localidade. E, sobretudo, permitiu evidenciar que, no quesito de circulação de romances, Campinas – cidade próspera e representativa da província de São Paulo –, não destoava da capital do Império.<sup>15</sup>

Tendo em vista o cenário de publicações literárias nos jornais, busca-se mostrar como o romance *Padre Belchior de Pontes* foi lido e avaliado no momento de sua publicação.

## ***A recepção de Padre Belchior de Pontes na imprensa paulista***

*Padre Belchior de Pontes*, romance de estreia de Júlio Ribeiro, embora elogiado no momento de sua publicação, não se tornou nem sucesso de público, nem de crítica literária. A polêmica do seu romance seguinte – *A Carne* – nublou sua existência, que, por sua vez, comprometeu também sua transmissão aos leitores posteriores. No campo da historiografia literária, aparecem menções ao citado romance histórico de Ribeiro quando se trata de A

<sup>14</sup> A identificação do autor, que usava esse pseudônimo, se deu por intermédio do trabalho de Galzerani (1998, p. 132).

<sup>15</sup> De acordo com Márcia Abreu, os estudos realizados pelo grupo coordenado por ela – *Caminhos do Romance no Brasil: séculos XVIII e XIX* – permitem afirmar que o Brasil “não é uma abstração construída a partir do Rio de Janeiro. Diferentemente das histórias literárias convencionais, que se concentram sobre essa localidade, aqui são expostos e analisados dados relativos a diversas capitanias e províncias – Minas Gerais, Mato Grosso, Ceará, São Paulo, Bahia e, como não poderia deixar de ser, Rio de Janeiro. Nas mais diversas localidades, o romance se mostra como um gênero de destaque, tanto nas preferências dos leitores, como no espaço ocupado nos jornais, em acervos de livreiros, em bibliotecas e gabinetes de leitura. Percebe-se que, ao longo do século XVIII, mas, sobretudo, no XIX, o romance estava presente de forma importante [...] nas leituras daqueles que viviam em locais tão diversos como São João Del Rei, Cuiabá, Lisboa, Corumbá, Ouro Preto, Fortaleza, São Luiz do Maranhão, Salvador, Rio de Janeiro. Contrariando idéias de atraso e isolamento, o que se percebe é a presença, mais ou menos simultânea, das mesmas obras nos diferentes locais” (ABREU, 2008, p. 14-15).

*Carne*. José Veríssimo, por exemplo, em *A História da Literatura Brasileira*, publicada em 1916, afirmou: “A *Carne* vinha ao cabo confirmar a incapacidade do distinto gramático para as obras de imaginação já provadas em *Padre Belchior de Pontes*.” (VERÍSSIMO, 1963, p. 262).

Afrânio Coutinho, décadas depois, objetivando demarcar o contraste de impacto entre os dois romances, na época de suas publicações, emite o seguinte comentário: “Romancista apagado de *O Padre Belchior de Pontes*, só voltaria ele ao romance mais dez anos depois, para então firmar-se como naturalista sensacional de *A Carne*.” (COUTINHO, 1959, p. 67, grifos nossos). De acordo com a ideia central que se vem desenvolvendo neste artigo, é importante destacar que o crítico julga o romance “apagado” quanto à historicidade de publicação.

Os dados obtidos na pesquisa da qual resulta o presente trabalho contrariam a opinião emitida por Coutinho de que *Padre Belchior de Pontes* não teve relevo na época de sua publicação. Foi, sim, “apagado”, mas numa outra historicidade. O que, em parte, explica a inexistência de uma “cadeia de recepções”<sup>16</sup> sobre o romance. É a leitura, portanto, da compreensão dos primeiros leitores que, a seguir, abordaremos.

Em 1875, o romance foi impresso<sup>17</sup> – por iniciativa de Júlio Ribeiro – na tipografia do jornal sorocabano já mencionado, do qual ele era diretor. Na *Carta ao redactor da Gazeta de Campinas* –, de uma maneira que oscila entre o autoelogio e a falsa modéstia –, o escritor destaca a recepção que a obra tivera na imprensa paulista:

A imprensa paulista quase em peso, folhas da côrte e de varias provincias, escriptores de mérito reconhecido *una voce* levantaram a obrinha, exaltaram-na, glorificaram-na, e com ella seu até então obscuro author.

Foi uma verdadeira apothese: cingiram-me a fronte com as heras de que falla o Vesunino, e que põem a gente hombro a hombro com os immortaes do Olympo.

Fiquei realmente maravilhado ao vêr como *repente sic poeta prodirem*. Sempre estive convencido, releve-se-me a immodestia, de que tinha algum talento: poder, porém, ser comparado a Oliveira Marreca, a Rabelo da Silva, a Alexandre Herculano... não sei como explicar (GAZETA DE CAMPINAS, 4 abr. 1876, n. 716, p. 1).

<sup>16</sup> Aproprio-me da expressão de Hans Robert Jauss. O autor, que ficou conhecido como o pai da Estética da Recepção, considera que a análise dos textos literários deve ser inserida no horizonte de leituras do presente da obra e dos leitores posteriores, ou seja, numa “cadeia de recepções”: “o projeto estético-recepcional de uma história da literatura [...] tem de considerar a historicidade da literatura sob três aspectos: diacronicamente, no contexto recepcional das obras literárias; sincronicamente, no sistema de referências da literatura pertencente a uma mesma época, bem como na seqüência de tais sistemas; e, finalmente, sob o processo histórico mais amplo” (JAUSS, 1994, p. 39-40).

<sup>17</sup> Esse volume continha o *Prólogo* e uma primeira parte, denominada *Os Paulistas*.

A carta insere-se no contexto de apresentação de um novo folhetim, que se iniciaria na *Gazeta de Campinas*. Nela, Ribeiro parece querer deixar claro que, embora iniciante como romancista, tinha recebido o aval positivo da crítica, não somente local, mas nacional. Buscava, ao mesmo tempo, promover o jornal e a si mesmo. Usava, portanto, o espaço da imprensa campineira como caminho para apresentar-se ao público como um escritor às portas da consagração literária. Contudo, para que tal mensagem surtisse mais efeito, joga com a ideia da modéstia:<sup>18</sup> “Si hoje chegasse a ter a ousadia de aspirar-me aos foros de escriptor, a culpa não deveria recair sobre mim, mas seria toda e toda da crítica [...] que atirou-me ás mãos chêas suas mais rescendentes flores” (GAZETA DE CAMPINAS, 4 abr. 1876, n. 716, p. 1). Em tom pomposo, o autor assinala que a primeira parte de *Padre Belchior de Pontes* foi bem acolhida pela crítica. Em suas palavras, teve o “veredictum da imprensa”. É importante esclarecer que, em meados da década de 1870, não havia no Brasil um campo estabelecido para a crítica literária. Esta estava em formação – eram os homens de imprensa que emitiam opiniões e avaliavam as obras.

A carta de Ribeiro foi fundamental para a pesquisa. Além de informar sobre a recepção crítica do romance, nela o autor cita os jornais que se ocuparam de seu romance:

Negra ingratidão seria deixar de consignar aqui as folhas a que devo os juizos alludidos que tantas vezes me sustentaram o animo já cansado, quando o desalento sombrio me distendia os dedos e immobilisava a penna...

Alguma ha talvez de que nem não chegou noticia, ou que a memória rebelde nega-se a apresentar-me. As que me lembram são:

*Aurora* (Silveiras), *Commercio do Paraná* (Paranaguá), *Constitucional* (Campinas), *Correio Paulistano* (S. Paulo), *Família Maçônica* (Côrte), *O Globo* (Côrte), *Jornal do Povo* (Guaratinguetá), *Mineiro* (Pouso Alegre), *Operário do Progresso* (Itapemirim), *Paraythinga* (S. Luis), *Paraiso* (cidade do Paraiso), *Paulista* (Taubaté), *Popular* (Arêas), *Província de S. Paulo* (S. Paulo), *Renascença* (S. Paulo), *Tieté* (cidade de Tieté), e ultimamente *Diario de Campinas* (GAZETA DE CAMPINAS, 4 abr. 1876, n. 716, p. 1).

Tais informações seriam críveis? Ou integravam somente o contexto da busca de credibilidade entre seus pares letrados e o público mais amplo? De qualquer modo, Ribeiro deu as pistas.<sup>19</sup> Mas, para confirmar essa ampla circulação e a receptividade do volume impresso em Sorocaba (1875), às quais o autor se referiu, foram pesquisados dois dos jornais citados pelo autor de *A Carne*: *Província de São Paulo* e *Correio Paulistano*, ambos situados na capital da província. N’A *Província de São Paulo* – jornal recém-fundado (janeiro de 1875)

<sup>18</sup> Sobre a participação dos autores na construção de sua autoimagem, ver: Bourdieu (1996).

<sup>19</sup> Não foi possível pesquisar todos os jornais por ele enumerados. A maioria dos jornais mencionados por Júlio Ribeiro é constituída por periódicos locais. Não se encontraram nos arquivos em que pesquisamos, como o Edgar Leuenroth e o Arquivo do Estado de São Paulo.

–, cujos redatores eram Rangel Pestana e Américo de Campos, consta a seguinte nota na seção *Notticiário*:

**Padre Belchior de Pontes** é um título de um formoso romance, cujo primeiro tomo acaba de publicar o Sr. Júlio Ribeiro, nome symphatico e bem conhecido na imprensa desta provincia.

Com a recente publicação, demonstra o seu auctor mais uma face do seu provado talento.

Demais, tem essa publicação para nós um mérito superior: *ser um sinal de vida litteraria tão que escassa é entre nós*, principalmente nas provincias (10 dez. 1875, n. 63, p. 3, grifo do original).

O *Correio Paulistano* – um dos jornais mais antigos da cidade de São Paulo fundado em 1854 – publicou as seguintes linhas:

Recebemos o 1º. Volume do romance historico – *Padre Belchior de Pontes* – produção do sr. Júlio Ribeiro, conhecido escriptor que redige A **Gazeta Commercial** de Sorocaba. O assumpto interessante escolhido pelo talentoso autor e sua provada illustração recommendam esta obra á apreciação publica.

Agradecemos o exemplar com que obsequiou-nos (5 dez. 1875, n. 5.539, p. 3, grifo no original).

Os textos publicados pelos jornais, embora tivessem principalmente o caráter de noticiar a publicação e de agradecer com palavras gentis o volume recebido – prática rotineira daqueles periódicos –, contêm também apreciações sobre o romance e seu autor. Primeiramente porque, entre os letrados da província de São Paulo, não se tratava de um desconhecido: Ribeiro era um homem de imprensa, como destaca o *Correio Paulistano*. Quando essa chancela vinha acompanhada da de autor de um romance, adquiria uma dimensão simbólica naquele contexto das práticas letradas da província de São Paulo, conforme assinalado pela Província de São Paulo. Esse jornal avaliou o romance de Ribeiro sob a expectativa de a obra conferir alento à vida literária, tida como escassa nas províncias. De maneira implícita, afirmava que a orbe da produção literária era a Corte. Isso é significativo para a discussão que se vem desenvolvendo, pois não se pode perder de vista que as emissões de pontos de vista sobre o romance gravitam em torno de um tema e de uma personalidade: um romance sobre a história de São Paulo e um autor que se considerava paulista.



No âmbito das apreciações sobre essa primeira versão do romance, Martim Francisco Júnior endereçou uma longa carta a Júlio Ribeiro, publicada na *Gazeta Commercial*, de Sorocaba, em 1875.<sup>20</sup> A seguir, é transcrito um trecho da mencionada carta:

Devo-te uma desillusão proveitosa; é um pouco tarde para o pagamento da dívida, mas antes tarde do que nunca.  
Enganei-me julgando que o fogo fátuo da vida política houvesse deslumbrado as vistas da mocidade, que a effervescencia das discussões relativas aos problemas sociaes tivesse escravizado todos os talentos de minha terra. O teu livro – *Padre Belchior de Pontes* – disse-me que os veios da historia pátria ainda attrahem mineiros, que ainda existe quem medite em face dos monumentos do passado. Offereço-te, pois, o meu agradecimento, a confissão do meu erro e os meus parabens. [...] *Delineaste o teu romance sobre uma pagina d'outro'ora que dever ser julgada como a primeira manifestação do character paulistano.* A lueta entre jesuítas e mamelucos, em 1640, foi um exordio das acções heroicas que nobilitaram as velhas gerações de meus compatriotas durante os séculos XVII e XVIII (GAZETA DE CAMPINAS, 4 de jan. 1878, n. 931, p.2, grifo do original).

Para além do destaque ao mérito literário do romance de Júlio Ribeiro, deve-se ressaltar que, um ano antes de remeter a citada carta, isto é, quando era estudante do quarto ano da Faculdade de Direito de São Paulo, Martim Francisco Júnior havia escrito *Os Precursores da Independência* (1874). Nessa obra, o autor identificava na resistência dos paulistas aos jesuítas uma antecipação do movimento de independência. Ribeiro e Martim Francisco tratavam, portanto, de temas congêneres: ambos destacavam a superioridade paulista, que mais tarde, tanto num quanto noutra, iria desembocar na defesa do separatismo em fins da década de 1880 (ADDUCCI, 2000). Por essa razão, talvez, Martim Francisco Júnior julgou que Ribeiro estivesse no caminho que o “conduziria à glória” nas letras pátrias.

Por ocasião da publicação do primeiro volume do romance em Campinas, a carta de Martim Francisco Júnior foi reproduzida pela *Gazeta de Campinas*. Não fortuitamente, pois era emblemática, por vir da pena de um descendente dos Andrada e, sobretudo, por ele elogiar o romance de Ribeiro quanto a um aspecto precioso para a elite letrada de São Paulo: o da identidade paulista, mediante a exaltação da luta que os paulistas empreenderam contra os jesuítas. Essa perspectiva dá evidências de que, além de constituir-se numa representação do tema, *Padre Bechior de Pontes* integra e mobiliza uma discussão presente no universo da elite republicana – marcada pelo anticlericalismo. Tomemos, então, o próprio texto de recepção para fazer a mediação com a narrativa literária do autor.

---

<sup>20</sup> Carta reproduzida pela *Gazeta de Campinas*, por ocasião da publicação do primeiro volume de *Padre Belchior de Pontes*. *Gazeta de Campinas*, 4 jan. 1877, n. 931, p. 2. É essa a fonte empregada.

A trama do romance, de fundo histórico, é encenada na São Paulo colonial e inicia-se com o amor entre dois adolescentes: Belchior, português de sangue mestiço e plebeu de poucas posses, e Branca Castanho Taques, fidalga de “sangue puro”. O contraste de posições sociais já anuncia as dificuldades para a consumação desse amor, que irá, em definitivo, ser impedido pelo ingresso de Belchior na Companhia de Jesus, a qual lhe incute ideia de que era um predestinado à missão jesuítica. Isso com o fito de impedir seu casamento com Branca, pois, uma vez obrigado pelo celibato a renunciar aos desejos humanos, especialmente aos carnisais, deixaria o caminho livre para Branca casar-se com um membro da família Rodrigues. Assim, os jesuítas, na verdade, tinham interesse em unir as duas principais famílias paulistas – Taques e Rodrigues – como forma de evitar desavenças entre elas e de incitar a revolta contra a Metrópole (a Guerra dos Emboabas). Com esse plano político, traçou o destino de Belchior, que foi usado como joguete pelos religiosos. Quando, mais tarde, Belchior, já ordenado padre, descobre a manobra que o separou de Branca, denuncia a trama a Amador Bueno, assim referindo-se à Companhia de Jesus:

Onde se agitam questões de vida ou de morte para a humanidade, onde se embatem os interesses das gentes, onde tumultuam as paixões dos povos procura, procura bem, que oculto na sombra, sumido nas trevas deparar-se-á o vulto sinistro dos jesuítas. [...] vê-los-ás em Lisboa, instigando Pedro II contra Felipe V, vê-los-ás em Piratininga, elegendo rei o teu parente; vê-los-ás no Rio da Mortes, açulando os emboabas contra ti. Por toda parte, em todo lugar, na Etiópia e no Paraguai, em Pekin e em São Vicente, na corte dos reis, nas alcovas das rameiras, nos comícios dos povos, no púlpito, na escola, no confissionário, no seio do lar, sobre as ondas do oceano, em desertos áridos, no âmago dos sertões, no coração das florestas encontrarás sempre o padre de Jesus, risonho e insidioso, flexível e traiçoeiro (RIBEIRO, s/d, p. 145).

Essa presença silenciosa, no entanto onipresente, da Companhia de Jesus constitui a matriz do romance ribeiriano. Os diversos outros elementos que compõem a trama histórica do livro, como o conflito entre paulistas e a Metrópole na disputa pelo ouro descoberto em Minas Gerais (do qual brota um sentimento de nacionalidade entre os paulistas), sem falar no próprio motivo desencadeador da narrativa – o amor irrealizável entre Belchior e Branca –, estão subjugados a esse tema mais amplo que é o da crítica à Igreja Católica, sintetizada na Companhia de Jesus.

Em um artigo do jornal a *Reforma* – do Rio de Janeiro –, este foi um dos traços destacados do romance: “[...] *Padre Belchior de Pontes*, além de ser um romance histórico brasileiro, é uma obra de propaganda.”<sup>21</sup> O fato de a narrativa ter um tom político – “obra de propaganda” – não é visto pelo redator do texto como índice de

<sup>21</sup> Um romance histórico brasileiro. *Reforma*, 24 jan. 1877. Artigo reproduzido pela *Gazeta de Campinas* em 9 de fevereiro de 1877, n. 958, p. 1. É essa a fonte empregada.

depreciação. No entanto, são feitas críticas à linguagem usada na composição do romance: “Julio Ribeiro no seu extremado purismo revela conhecimentos vastíssimos do latim e profundo estudo sobre a lingua patria; mas n’um romance historico e de propaganda como o seu a linguagem deve ser natural, fácil e ao alcance de todos” (GAZETA DE CAMPINAS, 9 fev. 1877, n. 958, p. 1). Com essa observação, o redator assinala que o intento de divulgar a crítica à Igreja Católica como instituição – um dos temas da propaganda republicana – não seria de todo cumprido.

Se o estilo da linguagem de Júlio Riberio, na leitura do editorial da *Reforma*, restringiria o seu público, o mesmo não ocorria com a divulgação de *Padre Belchior de Pontes*. A *Reforma* era um jornal de grande circulação no Rio de Janeiro, aglutinador de um grupo de escritores republicanos e abolicionistas, que acolhia os novos autores.<sup>22</sup> Não se pode desconsiderar esse perfil do jornal. O espaço que reservou para emitir a opinião crítica sobre o romance de Júlio Ribeiro ocupou duas colunas (ao menos na diagramação de *Gazeta de Campinas*, na qual foi reproduzido).

Levando em conta a trajetória de elaboração do romance, essa leitura está num contexto distinto do de Martim Francisco Júnior; situa-se na época da publicação do primeiro volume pela tipografia da *Gazeta de Campinas* (1876). Porém, há algo em comum. Ambas foram divulgadas no jornal de Campinas – por ocasião da publicação já mencionada –, quando o folhetim ainda trilhava seu caminho no rodapé. Difícil saber de que maneira esses textos influíram os leitores do romance. A esse respeito, só é possível aventar algumas questões: quem lia o rodapé voltaria os olhos para o restante do jornal? Aquele que lia o jornal todo levaria em conta a apreciação crítica do romance? Ou, ainda, só leria a crítica? Essas questões são apresentadas com o intuito de afirmar que os leitores eram heterogêneos.

Dentre os textos de recepção localizados na pesquisa dos jornais paulistas, o da *Reforma* – reproduzido pela *Gazeta de Campinas*, como já mencionado – é o que mais se pautou nos critérios literários clássicos vigentes no período para julgar o romance, como o da verossimilhança:<sup>23</sup>

Aproveitando-se habilmente de alguns trechos obscuros da nossa historia colonial, Julio Ribeiro suppriu com sua imaginação os pontos menos claros e tomando por base a guerra que os paulistas sustentaram contra os portuguezes em Minas-Geraes, conhecida sob o nome de Guerra dos Emboabas, escreveu *uma interessante novella que possue a*

<sup>22</sup> Cf. Nelson Sodré: “A *Reforma*, em 1873, atravessa uma fase vibrante, sob a direção de Joaquim Serra que, com a sua prática do officio [...] coloca o jornal entre os mais lidos da Côrte. É ele quem acolhe na redação o conterrâneo Arthur Azevedo [que iria ocupar] o lugar de revisor e tradutor dos folhetins da *Reforma*. [...] contava, então, com a pena de Rodrigo Otávio, de José Cesariano de Faria e vários outros, contava, fundamentalmente com Joaquim Serra.” (SODRÉ, 1996, p. 246, grifos nossos).

<sup>23</sup> Foi Aristóteles quem formulou tal conceito (Cf. ARISTÓTELES, 1973, p. 443-471, v. 4).

*rara virtude de deleitar e instruir, guardando sempre as regras da verosimilhança* (GAZETA DE CAMPINAS, 9 fev. 1877, n. 958, p. 1, grifos nossos).

Conforme o texto, a narrativa cumpria, ao mesmo tempo, as duas principais funções da literatura: “deleitar” e “instruir” o leitor. Por ser um romance histórico trabalhava com a “verdade” dos fatos do passado, ancorado em fontes históricas. Na mesma medida, cumpria levar o leitor à fruição por meio da ficção e/ou da imaginação, respeitando, porém, as regras da verossimilhança, tratando de verdades possíveis ou desejáveis.

No cenário literário em que *Padre Belchior de Pontes* foi produzido, essa era uma questão importante. Júlio Ribeiro dela se ocupou na apresentação do livro, com o objetivo de esclarecer os procedimentos usados na elaboração de sua narrativa:

“Padre Belchior de Pontes” é um romance essencialmente histórico em sua máxima parte: tirados alguns anacronismos necessários ao enredo, algumas ficções e um ou outro personagem de imaginação, tudo o mais teve vida, “passou-se mesmo” como poderá ver quem se quiser dar ao trabalho de compulsar a “Nobiliarquia Paulista” de Pedro Taques de Almeida Paes Lemes, a “Vida do Veneravel Padre Belchior de Pontes” por Manuel da Fonseca, a “Crônica da Companhia de Jesus”, por Simão de Vasconcelos, as “Memórias da Capitania de S. Vicente” por Frei Gaspar da Madre de Deus, o “Quadro Historico da Provincia de S. Paulo”, pelo Brigadeiro Machado de Oliveira, os “Apontamentos para a história dos Jesuítas” pelo dr. Antonio A. H. Leal, os “Precursores da Independência”, pelo Martim Francisco Junior, a “Cruz de Cedro” pelo exm. Barão de Piratininga” (RIBEIRO, [s/d], p. 6).

A extensa lista de cronistas coloniais – acrescida de alguns estudos de nomes coetâneos ao autor, como o de Martim Francisco Júnior – funciona como forma de legitimar sua narrativa no gênero romance histórico. À ficção é atribuído um papel secundário (o de entreter o leitor), ao passo que as fontes históricas funcionariam como forma de atenuar a “ficção”.

O uso das fontes históricas é o ancoradouro para a elaboração da narrativa. Contudo, o autor delas também fez um uso político, demarcado na conjuntura de sua atuação em relação ao anticlericalismo. Essa percepção está presente na leitura que se fez de *Padre Belchior de Pontes* no jornal *Reforma*: “Estribado sempre em preciosos documentos mostra a mallefica influencia e pernicioso prestigio que os discipulos de Loyola exercera no Brazil.” (GAZETA DE CAMPINAS, 9 fev. 1877, n. 958, p. 1). Isso porque o tema integrava as discussões

na imprensa, na literatura e em polêmicas.<sup>24</sup> Portanto, nos textos de recepção aqui analisados, o romance histórico foi lido sob uma perspectiva conjuntural. Mas não só. Ao salientar a forma como Ribeiro recria as suas fontes para a elaboração de *Padre Belchior de Pontes*, o autor do texto da *Reforma* recorre a um repertório literário de que dispõe, para realizar uma leitura que leva em conta os textos que antecederam o de Ribeiro, como as obras de Alexandre Dumas e Eugene Sue:

Não tomou o auctor por norma as narrações plácidas de Julio Diniz e Carlos Dichens (sic), em que a urdidura deslisa-se serena e o desfecho é previsto de antemão. Adaptou como modelo as lendas ardentes de Dumas e Eugene Sue, nas quaes o maravilhoso representa importante papel (GAZETA DE CAMPINAS, 9 de fev. de 1877, n. 958, p. 1).

Apesar de, na segunda metade do século XIX, existir um repertório literário heterogêneo, Alexandre Dumas e Eugene Sue – autores, entre outros romances, de *Capitão Paulo* e *Mystérios de Paris*, respectivamente – incluem-se no sistema literário do período. A tradução de *Mystérios de Paris*, por exemplo, foi publicada em folhetim no *Jornal do Commercio*, no decênio de 1840, e tida como narrativa moderna (MEYER, 1996, p. 282-284).<sup>25</sup> Para os propósitos deste artigo, importa salientar que, embora Dumas e Sue não fossem mais novidade literária na década de 1870 – momento no qual se inicia o debate entre Romantismo e Realismo –, esse repertório tinha sido o da formação literária da “geração” de 1870. Tanto é que, em sua leitura, o redator da *Reforma* vê esses literatos como modelos, usados por Júlio Ribeiro, de uma narrativa que recorre ao maravilhoso. Mas não há nenhuma referência à constante presença de postulados “científicos” no romance. Por quê? Essa interrogação será a chave para dar continuidade à temática enfocada no presente artigo.<sup>26</sup>

Em síntese, pode-se afirmar que os textos de recepção de *Padre Belchior de Pontes* publicados nos jornais do período tornaram possível a realização de um exame do romance sob a perspectiva de sua época. Essa é uma alternativa profícua em relação às análises

---

<sup>24</sup> O tema da liberdade religiosa, imbricado na crítica ao clero ultramontano, foi discutido amplamente pela elite ilustrada brasileira entre as décadas de 1870 e 1880, tanto no Parlamento, quanto na imprensa e na maçonaria. Na província de São Paulo, essa crítica conjugava-se à defesa da forma de governo republicano, que era vista como uma forma de desligar o poder temporal do espiritual – entrave ao desenvolvimento das ideias liberais clássicas e, portanto, ao progresso de uma nação (Cf. ALONSO, 2002).

<sup>25</sup> “[...] chegam ao rodapé, em português, os tão esperados *Mistérios de Paris*. A data é 1 de setembro de 1844, tradução de de R. (Joaquim José da Rocha). Salvo uma ou outra interrupção, ‘vem à luz’ todos os dias e ocupa praticamente o suplemento dominical inteiro. Acelera-se o ritmo, diminui-se o tamanho dos tipos, vara o jornal e ocupa quatro rodapés até o FIM, em 20 de janeiro de 1845” (MEYER, 1996, p. 283).

<sup>26</sup> No mapeamento realizado no jornal *A Província de São Paulo*, localizaram-se diversos artigos na coluna *Letras e Artes*, os quais discutiam o Romantismo e o Realismo, especialmente na poesia. Em 1876, Gaspar da Silva – português recém-chegado ao Brasil – foi quem iniciou com fervor o debate na imprensa paulista, com uma série de artigos intitulados *Cartas de um emigrado*. O seu principal debatedor foi Lúcio de Mendonça – autor de livros de poesia, como *Alvoradas*, publicado em 1875, por B. L. Garnier. A despeito do embate, eles estariam juntos na criação da revista *República da Letras* (1876), que publicou em seu sexto número, a primeira parte de *O Crime do Padre Amaro*, de Eça de Queiros.

internalistas e/ou às análises contextualistas, porque congrega a duas perspectivas, sem correr o risco da apreciação do “texto pelo texto” ou de uma análise determinista. Acima de tudo, propiciou subsídios para mostrar que o romance enfocado não era “mortiço”, de brilho escasso, ou “apagado”, como julgou Afrânio Coutinho.

## **Fontes**

### **I Periódicos**

*Gazeta de Campinas*

*Diário de Campinas*

*Província de São Paulo*

*Correio Paulistano*

*Gazeta do Rio de Janeiro*

### **II Romances**

RIBEIRO, Júlio. *Padre Belchior de Pontes* – romance original. Campinas Typografia da Gazeta de Campinas, v. I, 1876.

\_\_\_\_\_. *Padre Belchior de Pontes*. 7.ed. São Paulo: Assunção, [s/d].

## **Referências**

ABREU, Márcia (Org.). *Trajetórias do romance na literatura brasileira: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

ADUCCI, Cássia Chrispiniano. *A “Pátria Paulista”: o separatismo como resposta à crise final do Império*. São Paulo: Arquivo do Estado, 2000.

ALENCAR, José de. *Como e porque sou romancista*. Salvador: Livraria Progresso, 1955.

ALONSO, Angela. *Idéias em movimento: a geração de 1870 e a crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ARISTÓTELES. *Poética*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Os Pensadores, v. 4).

BOURDIEU, Pierre. *As regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio/Academia Brasileira de Letras, 2005.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1959. v. 2.

DEBES, Célio. *A caminho do oeste: subsídios para a história da Companhia Paulista de Estradas de Ferro e das Ferrovias de São Paulo (1832-1869)*. São Paulo: Companhia Paulista, 1968.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. *O Almanaque, a locomotiva da cidade moderna: Campinas, décadas de 1870 e 1890*. 1998. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

JAUSS, Hans Robert. *História da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.

MARCO, Valéria de. *A perda das ilusões: romance histórico de José de Alencar*. Campinas: Unicamp, 1993.

MARTINS, Ana Luiza. *Gabinetes de leitura da província de São Paulo: a pluralidade de um espaço esquecido (1847-1890)*. 1990. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MEYER, Marlyse. *O Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MORAES, Carmem Sylvia Vidigal. *O ideário republicano e a educação: o colégio “Culto à Ciência” de Campinas (1869-1892)*. 1981. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

RIBEIRO, Arilda Miranda. *Educação feminina durante o século XIX: o Colégio Florence de Campinas, 1863-1889*. Campinas: Unicamp, 1996.

RIBEIRO, José Antonio Pereira. *O romance histórico na literatura brasileira*. São Paulo: Secretaria da Cultura, 1976.

SILVEIRA, Célia Regina da. *Erudição e ciência: as procelas de Júlio Ribeiro no Brasil oitocentista (1845-1889)*. São Paulo: UNESP, 2008.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

VASCONCELOS, Sandra Giardini Teixeira. Cruzando o Atlântico: notas sobre a recepção de Walter. In: ABREU, Márcia (Org.). *Trajetórias do romance na literatura brasileira: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas: Mercado de Letras, 2008a.

\_\_\_\_\_. Figurações do passado: o romance histórico em Walter Scott e José de Alencar. *Terceira Margem: Revista de Pós-Graduação em Letras*, Rio de Janeiro, ano 12, n. 18, p. 15-37, 2008b.

VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira: de Bento Teixeira, 1601, a Machado de Assis, 1908*. 4. ed. Brasília: UNB, 1963.

Recebido em: 21/05/2013  
Aprovado em: 16/06/2013